



Imagem gerada por IA (Midjourney) a partir dos termos: Collage art, The Anti-Oedipus, bright colors, abstract concept

UM BREVE OLHAR SOBRE MÁQUINA COMO CONCEITO EM “O ANTI-ÉDIPO” DE DELEUZE E GUATTARI

Luiz Gustavo Duarte  [0000-0003-3196-5174](#)
Instituto Federal do Paraná, Palmas, PR, Brasil

Maira Sayuri Sakay Bortoletto  [0000-0002-7458-389X](#)
Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR, Brasil

Resumo

Este artigo visa apresentar o conceito de ‘máquina’ proposto por Deleuze e Guattari em sua obra *O anti-Édipo* (1972). Emergindo de um processo crítico aos estruturalismos da época, o uso deste conceito apresentou uma ruptura significativa e uma nova abordagem pelos autores. Tal abordagem possibilitou a emergência de fluxos, fomentando novas discussões teóricas que não somente questionaram as fundações do estruturalismo, mas também desempenharam um papel crucial na formulação de uma teoria do inconsciente e na exploração da relação entre o homem e a sociedade sob uma perspectiva maquinica. O conceito de ‘máquina’ revelou-se robusto e aplicável, conforme demonstrado pela sua elaboração subsequente e expansão em *Mil Platôs* (1980), assim como pela sua contínua adoção e adaptação por diversos acadêmicos e pensadores contemporâneos.

Palavras-chave

Gilles Deleuze, Félix Guattari, máquina, pós-estruturalismo.

A BRIEF VIEW ABOUT MACHINE AS A CONCEPT IN DELEUZE E GUATTARI’S “THE ANTI-OEDIPUS”

Abstract

This article explores the concept of "machine," as proposed by Deleuze and Guattari in their work *Anti-Oedipus* (1972). Emerging from a critical process against the structuralisms of the time, the use of this concept represented a significant rupture and a new approach by the authors. It not only allowed for the emergence of new theoretical discussions but also questioned the very foundations of structuralism. The 'machine' concept played a crucial role in formulating a theory of the unconscious and exploring the human-society relationship from a machinic perspective. Its robustness and applicability are evident in its subsequent elaboration and expansion in *A Thousand Plateaus* (1980) and its continued adoption and adaptation by various contemporary scholars and thinkers.

Keywords

Gilles Deleuze, Félix Guattari, machine, post-structuralism.

Submetido em: 29/03/2024
Aceito em: 30/04/2024

Como citar: DUARTE, Luiz Gustavo; BORTOLETTO, Maira Sayuri Sakay. Um breve olhar sobre máquina como conceito em “O Anti-Édipo” de Deleuze e Guattari. *(des)troços: revista de pensamento radical*, Belo Horizonte, v. 5, n. 1, p. e51857, jan./jun. 2024.



Este trabalho está licenciado sob uma licença *Creative Commons Attribution 4.0*.

1. Introdução

No século XX, na medida que no mundo ocorriam eventos como guerras mundiais, avanço do capitalismo, queda da união soviética e mudanças referentes ao desenvolvimento de tecnologias em vários campos do conhecimento, as questões contemporâneas na filosofia também foram se desenvolvendo neste meio. Na filosofia francesa, seja pelas elaborações acerca das universalidades de questões, de caráter ontológicas, ou pelas questões que atingiam diretamente o modo de vida daquele momento, alguns pensadores se debruçaram sobre como estas problemáticas poderiam ser pensadas a partir daquela realidade. Neste escopo, a obra *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia* (AE) de Gilles Deleuze e Félix Guattari (DeG), lançada em 1972, surge não apenas na elaboração teórica, mas também como um livro propositivo com práxis voltadas à clínica e a política.

O livro foi escrito no bojo das manifestações de maio de 68 na França, com grande influência deste acontecimento. Estas manifestações, que tiveram como mote reivindicações estudantis, produziram reverberações no país que levaram vários autores e acadêmicos a revisitarem suas análises e proporem outros modos de conceber o que ocorrera ali. Deleuze e Guattari, motivados pela necessidade de elaborar aportes teóricos e debates que permitissem discutir e analisar a estes eventos, realizam uma crítica que visa romper com tradições e modos de conceber mundos que não conseguiam explicar tais acontecimentos que ocorriam ali.¹

Foucault em seu prefácio a edição americana da obra, de 1983, *An introduction to the non-fascist life*,² trouxe uma exposição crítica ao que ele considerava o modo hegemônico de tratar as questões referentes a filosofia, ciências humanas e políticas, antes do Maio de 68. Cita que, até então, o marxismo, psicanálise freudiana e o estruturalismo eram as formas de pensar que garantiam ao intelectual sua aceitação na enunciação da verdade, ou seja, para ele, AE coloca as questões de uma maneira crítica, na medida que também não as vulgariza, visto que ambas se emaranham ao longo do texto. Ocorre que, com o acontecimento de 1968 na França, dentre as inúmeras formas e modos que o discurso do que se passou ali foi ganhando corpo, a obra *O anti-Édipo*, segundo Foucault, é aquela que atravessa esse acontecimento e vai além da mera destruição de ídolos.

No livro, indo contra os três adversários que Foucault identifica, a saber, os ascetas políticos, técnicos do desejo e o fascismo, emerge do confronto com tais adversários. A proposta que surge é caracterizada por uma clínica que não recorra à psicanálise edipiana iniciada por Freud, já que para DeG o sistema capitalista necessita da edipianização para regular certos desejos. Assim, o que é construído em AE é uma própria teoria do desejo que não compreende este pela falta, mas sim como continuamente produtivo e, com isso, uma nova clínica para que estes fluxos desejantes possam voltar a fluir, chamada de esquizoanálise.

Na proposta de um inconsciente produtivo e a-significante que o conceito de máquina aparece no livro. Ele não é desenvolvido gradualmente por uma clarificação de ideias ao longo de sua apresentação, mas sim aparecendo em seu primeiro parágrafo,

¹ Buchanan, *Deleuze and Guattari's Anti-Oedipus*.

² Foucault, *An introduction to the non-fascist life*, p. 13.

onde se lê “há tão somente máquinas em toda parte, e sem qualquer metáfora”.³ Ora, se tudo são máquinas, é preciso compreender o que estas são, já que, até então, esta afirmação poderia nos remeter a uma análise mecanicista de mundo advinda do cartesianismo, sendo uma automação e esvaziamento dos desejos do sujeito ao ponto de que tudo seja mecanizado, ou mesmo a uma mecanização do mundo pós-revoluções industriais.

O mecanicismo que se entende aqui é o movimento teórico do século XVII que têm em René Descartes o principal representante. Em linhas gerais, o mecanicismo, além de uma teoria, é um modo de conceber o mundo, no qual há uma redução do que ocorre na natureza a elementos simples, que podem ser compreendidos por modelos representativos pautados em quantificações ou geometrizações.⁴

Com a máquina, advinda de pensadores como Descartes, remetendo a quantificação e previsibilidade da compreensão das partes a partir de uma dedução do todo, pode-se compreender que esta concepção não diz respeito à máquina trazida por DeG. Os autores traçam uma crítica a este modo representativo de conceber as relações, trazendo uma proposta de clínica que considera o desejo e modos singulares e múltiplos de existir no mundo. Assim, quando lemos que “há tão somente máquinas em toda parte”, há de se problematizar o que seriam tais máquinas, que não remetem ao mecanicismo advindo do século XVII.

Guattari pormenoriza e traz a diferenciação em um glossário publicado em 1986:

Máquina (maquínico): distinguimos aqui a máquina da mecânica. A mecânica é relativamente fechada sobre si mesma: ela só mantém com o exterior relações perfeitamente codificadas. As máquinas, consideradas em suas evoluções históricas, constituem, ao contrário, um *phylum* comparável ao das espécies vivas. Elas engendram-se umas às outras, selecionam-se, eliminam-se, fazendo aparecer novas linhas de potencialidades.

O que se têm é uma maquinação, ou seja, uma ação advinda do ato de maquinar. Não somente isso, mas em francês “*machin*” diz respeito a um objeto indefinido, algo, uma “coisa”, ou seja, lidamos com uma indefinição, um jogo entre “*machiner*”, verbo, “*maquination*”, substantivo, que se emaranham neste conceito, e anunciam na própria palavra a sua proposta. Junção, conspiração, conexão, que ocorrerão num fluxo ininterrupto.⁵

Considerando que a concepção de máquina apresentada no AE é central para a compreensão da obra, ela precisa ser aprofundada para ser possível estabelecer qual o escopo das proposições de DeG. Junto a isto, também é necessária uma maior clareza, para se compreender o porquê da diferenciação do modo de entender máquinas até então. Assim, o objetivo deste artigo foi apresentar o conceito de máquina proposta por Deleuze e Guattari na obra *O anti-Édipo*.

Como metodologia, este estudo visou discutir o conceito de máquina no AE por três tópicos de análise. O primeiro tratará de como as máquinas se desenrolam e atuam no AE. Seguidamente, é proposto uma exposição de um fio possível do funcionamento do conceito de máquina-deleuze-guattari construído a partir de uma crítica ao estruturalismo. Por fim, o último tópico irá seguir numa tentativa de apresentar o impacto

³ Deleuze; Guattari, *O anti-Édipo*, p. 11.

⁴ Battisti, *A natureza do mecanicismo cartesiano*.

⁵ Guattari, *Chaosophy*.

da obra e DeG, seja nas suas recepções no âmbito da filosofia quando foi publicada, seja no campo teórico, de suas rupturas e aproximações ali desenvolvidas, especialmente nas suas implicações para a psicanálise edipiana, prática revolucionária e interpretações da sociedade.

2. As Máquinas de Deleuze e Guattari no Anti-Édipo

Já no início da obra de Deleuze e Guattari, nos deparamos com uma frase que percorre todo o livro e nos guia no próprio modo de pensar que eles nos propõem: “Há tão somente máquinas em toda parte, e sem qualquer metáfora: máquinas de máquinas, com seus acoplamentos, suas conexões”.⁶ O que deriva disto é explicado de uma intrincada maneira entre tópicos que envolvem críticas à psicanálise, teoria política com discussões com a obra de Marx, antropologia e ética.

Como já exposto, em um primeiro momento pode-se interpretar que a apresentação das máquinas, na qual tudo se relaciona, se refere diretamente a um mecanicismo total do mundo, numa espécie de cartesianismo no qual tudo se conflui numa máquina perfeita de funcionamento, racionalizável e divisível. Contudo, ao avançarmos na ideia, e pelas próprias discussões trazidas no livro, nos deparamos com uma conceituação que não apenas nega tal mecanicismo, mas que traz consigo uma nova visão do que seriam “máquinas”.

No início do AE, algumas pistas já são apresentadas, em que colocam: “uma máquina-órgão é conectada a uma máquina-fonte: esta emite um fluxo que a outra corta”,⁷ seguido do exemplo do seio como máquina que produz leite à boca, uma máquina que acopla a então “máquina-seio”. Expõem-se, então, acoplamentos entre objetos parciais,⁸ não estruturas. Tudo em conexão, e não apenas acoplamentos conectivos, mas também cortes, sempre em fluxos, ou seja, uma continuidade de máquinas que se acoplam, cortam, e acoplam de novo, num fluxo intenso e corte contínuo no qual não há finalidade, apenas produção.

Considerando a existência de somente máquinas, o próprio processo de produzirmos e sermos produzidos na realidade é uma maquinação contínua. Esta produção constante emerge numa crítica à psicanálise freudiana, carregada por todo o livro. Se temos conexões, cortes e fluxos entre máquinas, o próprio processo do inconsciente seria maquinico, ou seja, ele é uma produção constante, como citam: “máquinas produtoras ou desejanter”.⁹ Isto vai de embate com a forma da psicanálise tida como hegemônica na época para DeG, a qual não considerava o inconsciente como produtivo, mas sim teatral, sendo um aspecto da representação que serviria melhor como um Ideal a ser analisado.

⁶ Deleuze; Guattari, *O anti-Édipo*, p. 11.

⁷ Deleuze; Guattari, *O anti-Édipo*, p. 12.

⁸ Objetos parciais é um conceito advindo da psicanalista Melanie Klein. DeG o utilizam como uma ferramenta para colocar como as máquinas se conectam sem haver uma derivação prévia de uma totalidade primitiva. Por exemplo, a máquina-seio-boca não representa, ou diz respeito, a um objeto completo ou pessoa global. De acordo com DeG, o erro de Klein foi não compreender que tais objetos fariam parte da produção e não do consumo, mantendo, assim, uma concepção idealista de um todo.

⁹ Deleuze; Guattari, *O anti-Édipo*, p. 12.

É importante esclarecer que a crítica à psicanálise não se direcionava a sua contribuição para o debate ao longo do século até aquele momento, mas sim, que ela não estava reconhecendo tais maquinacões que ocorriam nas análises da clínica. Esta crítica é comentada numa entrevista sobre *O anti-Édipo*, na qual citam "além disso, há o outro aspecto, da personificação destes aparelhos (o Superego, o Eu, o Isso), uma encenação teatral que substitui as verdadeiras forças produtivas do inconsciente por simples valores representativos. (...) Toda a produção desejante é esmagada".¹⁰

Diante das críticas, a proposta do AE da produção desejante, está em um inconsciente maquínico, sendo algo imanente. Esta imanência diz respeito a esta maquinacão constante que ocorre sem estar previamente estruturado em um plano já organizado e preexistente, onde o que se tem são relações de velocidade e intensidade, latitude e longitude. Deleuze chamaria este plano de imanência de plano de consistência, pois nele não há nenhuma dimensão suplementar, ou seja, não há um ponto inicial, uma localização ideal, um fim já ditado.¹¹

É importante mencionar que desejo tratado aqui não está pautado na concepção de desejo por algum objeto, por algum sujeito, sendo uma relação externa entre dois termos, mas sim, produção. É um devir, positivo, não é movido pela ausência, ele não representa algo, como um valor moral ou um objetivo transcendente, nem mesmo algo humano, é inumano.¹² Como citam "O desejo não para de efetuar o acoplamento de fluxos contínuos e de objetos parciais essencialmente fragmentários e fragmentados. O desejo faz correr, flui e corta".¹³ Tal concepção de desejo, tem um fio genealógico em Deleuze por suas aproximações com Espinosa e Nietzsche, por exemplo.

O desejo, este transbordamento de vida, flui e produz, daí as máquinas desejantes. Contudo, é válido situar, que, a partir da obra *Kafka: por uma literatura menor* (1975/2017), as máquinas desejantes dão lugar ao agenciamento, visto que eles trarão que o desejo irá se agenciar a partir dos encontros.¹⁴ Agenciamento já aparece no AE como agenciamento maquínico, e em *Mil Platôs*, o agenciamento é retomado e colocado em diante da conexão entre corpos e enunciados, elementos heterogêneos, sendo agenciamentos maquínicos de corpos, e agenciamentos coletivos de enunciação.¹⁵

Esta produção maquínica apresentada em AE não recorre a explicações representativas transcendentais, seja Deus ou Édipo. Se trata de uma visão materialista das relações como produtoras, com conexões, cortes e fluxos de máquinas que se relacionam enquanto se produzem o inconsciente, visto que, é a partir dos encontros que as conexões vão sendo realizadas, cortadas, destruídas, e rearranjadas. É no próprio movimento constante, nas latitudes e longitudes que ele vai sendo produzido.

A produção maquínica, pode ser observada por uma perspectiva que emerge na articulação com conceitos e propostas advindas de Marx. Na concepção de Marx, onde a produção material é imediatamente produção e consumo, implica uma reciprocidade entre a produção, distribuição e consumo neste processo. Quando esta produção é inserida no processo maquínico, é possível perceber que DeG constroem este

¹⁰ Deleuze, *Conversações*, p. 26.

¹¹ Deleuze; Parnet, *Diálogos*.

¹² Colebrook, *Understanding Deleuze*.

¹³ Deleuze; Guattari, *O anti-Édipo*, p. 77.

¹⁴ Zourabichvili, *O vocabulário de Deleuze*.

¹⁵ Deleuze; Guattari. *Mil platôs*, vol. 2.

inconsciente produtivo considerando também um *socius* produtivo, ausente de uma separação.¹⁶

Não somente a produção, Máquina também aparece como um conceito que pode ser discutido a partir de Marx. Contraste dado por DeG no próprio AE, mas em seu apêndice, com o título de “*Balanço-programa para máquinas desejanter*”.¹⁷ Nas máquinas a partir de Marx, o qual vê esta como um meio de produção de mais-valia, na qual, diferente das ferramentas, no capitalismo ela seria desenvolvida a ponto de dominar e alienar a mão-de-obra do trabalhador. Ela surge como um agenciamento-mecânico-intelectual. DeG deslocam a máquina pensada a partir do desenvolvimento de ferramentas e a máquina passa a estar tanto na produção social, quanto pré-consciente.¹⁸

Neste emaranhamento de um novelo de conceitos, quando puxamos o fio da máquina como conceito, podemos encontrar vários nós e linhas que se cruzam com outros conceitos, tão importantes quanto ela para o pensamento de DeG. Contudo, devido a própria limitação, necessária, deste artigo, trazemos outro conceito que se emaranha com a máquina e que consideramos ser de necessária exposição, o Corpo sem Órgãos (CsO).¹⁹

O CsO é colocado como o plano de intensidade, ilimitado. E a máquina está nesta produção ininterrupta e o CsO, como superfície, funciona insistindo como uma morte desta produção. A direção para a morte ocorre, pois esta produção para a produção (binária, uma acoplando a outra), tende a uma excessividade de organização, assim, o CsO atua na repulsa desta excessividade. Essa repulsa é a própria manutenção da vida, já que é um elemento de antiprodução, pois ao repelir esse processo, a maquinação ocorre em outras conexões, e produzindo inscrições no corpo. Neste momento, ganha-se sentido, um signo.²⁰ Como citam: “As máquinas desejanter fazem de nós um organismo; mas, no seio dessa produção, em sua própria produção, o corpo sofre por estar assim organizado, por não ter outra organização ou organização nenhuma”.²¹

A crítica à psicanálise é necessária a compreensão da discussão que DeG fazem no próprio AE. A maquinação é necessária para o entendimento de como a psicanálise, apesar de lidar com tais máquinas, não as reconhecem e, portanto, acabam lidando apenas com uma representação deste processo. É nas bases da análise psicanalítica, o complexo de Édipo, que a crítica ocorre. Isto ocorre pois Édipo não é algo que DeG contraponham ou neguem a existência, mas sim, algo que eles advogam como algo que a psicanálise freudiana, até aquele momento, não havia conseguido realizar uma transposição, e reconhecer a produção desejanter.²²

O CsO, com esta morte intrínseca, atua nesta resistência a uma fixação do organismo, sendo, portanto, liberador de fluxos de desejo. Nesta complexa relação exposta, pode-se verificar por estes breves pressupostos, que a existência do CsO, rejeita a própria pulsão de morte freudiana, já que esta seria o movimento a um estado inorgânico.²³

¹⁶ Costa, Guattari, Deleuze e Marx.

¹⁷ Deleuze; Guattari, *O anti-Édipo*.

¹⁸ Raunig, *A Few Fragments on Machines*.

¹⁹ A noção de Corpo sem Órgãos vêm originalmente do Antonin Artaud (1896 – 1948), artista francês que, além de trabalhos em teatro, cinema e poesia, também produziu obras escritas.

²⁰ Guéron, *Capitalismo, desejo e política*.

²¹ Deleuze; Guattari, *O anti-Édipo*, p. 20.

²² Leopoldo, *Análise d'O anti-Édipo*.

²³ Sanches, *Pulsão de morte, entre a repetição e a criação*.

Outro importante debate que surge a partir da consideração do inconsciente maquínico está na psicanálise e sua relação com o complexo de Édipo. DeG trazem que ocorreu a instauração de uma soberania do Édipo. Esta soberania é estabelecida sem reconhecer que, na realidade, o que se têm ali é um contato com o inconsciente produtivo, ou seja, a descoberta de que são máquinas desejantes que estão atuando numa produção constante na medida que entra em confronto com a produção social.²⁴

Sob o regime de Édipo, há uma redução desta maquinaria desejante a experiências familiares. Neste grande cobertor edipiano que a psicanálise da época tinha se protegido, qualquer espaço deveria estar sobre a confortável estruturação edipiana. Ocorre que, neste conforto, o analista não poderia se descobrir, o risco de ficar nu diante daquilo que Édipo não abarca, não estava contemplado nos processos analíticos da época. Como DeG colocam: "Está escrito no frontão do consultório: deixa tuas máquinas desejantes à porta [...] entra e deixa-te edipianizar".²⁵

Édipo aparece neste contexto, início do século XX, como um soberano que reina e impera no processo clínico-analítico. A questão é trazida por DeG num paralelo à Revolução Russa, ou seja, "nunca sabemos quando as coisas começaram a ir mal".²⁶ Esta colocação é feita, pois Édipo, apesar de sua relevância para a prática psicanalítica, se torna intransponível se considerado sob uma perspectiva generalizante, sendo impossibilitado de resolução.

É neste ponto nevrálgico que a crítica que DeG se direcionam, sem deixar de reconhecer a relevância de tais "descobertas", como quando colocam que "[...] não dizemos que Édipo e a castração nada sejam: somos edipianizados, castrados, e não foi a psicanálise que inventou essas operações às quais ela apenas fornece os novos recursos e processos do seu gênio".²⁷

Édipo está assentado sobre a produção desejante. Está ali, sobre ela, interpretando e dando significado a tudo o que ocorre ali. Inclui a Falta, a necessidade. Nesta ordem que Édipo impõe as maquinações que presencia, seu limite aparece na própria esquizofrenia, pois se o analista aceita atravessar este Édipo e encarar as maquinarias que ele tenta esconder, irá se deparar com a ausência de forma e estrutura.

Diante do leviatã edipiano, a única possibilidade de uma cura seria a submissão a autoridade, na medida que a crise edipiana sempre se perpetuaria, de modo que "[...] todo mundo sabe o que a psicanálise chama de resolver o Édipo: interiorizá-lo para melhor reencontrá-lo fora, na autoridade social, e assim disseminá-lo aos menores".²⁸

3. As Máquinas Sociais

Depois do limite do Édipo, o que se tem? O esquizo. O inconsciente maquínico desejante é esquizo, pois não tem representante, figura ou é simbólico. É de uma natureza anedipiana. No entanto, esta natureza maquínica, sob a égide da interpretação

²⁴ Deleuze; Guattari, *O anti-Édipo*, p. 77.

²⁵ Deleuze; Guattari, *O anti-Édipo*, p. 79.

²⁶ Deleuze; Guattari, *O anti-Édipo*, p. 78.

²⁷ Deleuze; Guattari, *O anti-Édipo*, p. 94.

²⁸ Deleuze; Guattari, *O anti-Édipo*, p. 109.

psicanalítica, torna-se “assentada sobre as coordenadas de Édipo que a traduzem em “pré-edipiana”, em “paraedipiana”, em “quase-edipiana”, etc.”.²⁹

Disto, ocorre que Édipo tem sua utilização e manutenção necessária para a máquina social, que também é produtiva, já que ele que irá manter a falta do Uno que será sempre utilizada pela máquina capitalista. Uno, aqui, é entendido a partir da crítica ao platonismo realizada por Deleuze. Ele é o princípio absoluto do qual todas as coisas derivam, sendo uma finalidade essencial para os seres, sendo transcendente.³⁰ Na psicanálise, ele se tornaria o falo do pai transcendente, o qual produz uma falta no desejo. Desta concepção que a multiplicidade se torna importante para compreender como um inconsciente maquínico não é naturalmente operado pela falta, como citam:

Só a categoria de multiplicidade, empregada como substantivo e superando tanto o múltiplo quanto o uno, superando a relação predicativa do uno e do múltiplo, é capaz de dar conta da produção desejante: a produção desejante é multiplicidade pura, isto é, afirmação irreduzível à unidade.³¹

É válido ressaltar que Édipo não estava presente em todas as máquinas sociais já existentes que envolveram os humanos. DeG trazem no livro exemplos de outras máquinas sociais que funcionavam e tinham sua produção de outros modos, sendo a máquina territorial primitiva e a máquina despótica, nas quais os modos de produção e de relações diferenciavam da máquina capitalista civilizada.³²

Na máquina primitiva o que ocorre é a codificação dos fluxos de desejos, e por conseguinte, o medo da ameaça daqueles que não estão codificados. Ela aparece na organização de modos de inscrição de códigos, que podem se dar na criação de hábitos, criação de tradições, de modo que produza um significado social. Trazemos aqui o exemplo dos seres femininos *Tx ifam* e *jonfi* do povo Karipuna, no Amapá.³³ A autora, *jonfi* do povo, traz sobre a relação do *djispoze* (sangue menstrual), o qual é um “fluido demarcador dos limites do corpo, fases da vida e comportamento”,³⁴ podendo funcionar como substância perigosa, limitando as atividades, pois caso elas vão para lugares como rios, matas ou cavernas, há a possibilidade de enfeitiçamento por algum ser encantado. O fluido é algo impuro que se estende ao ambiente. Contudo, em outras situações ele pode assumir um elemento positivo, como quando os *karuãnas*³⁵ podem ser atraídos e então engravidá-las.³⁶

A máquina despótica aparece com a instauração do Estado, e junto dele uma dívida infinita. Se antes a relação com a terra era direta e experimentada num corpo pleno, plano de intensidades, onde as dívidas possuíam finitudes antes as alianças que eram estabelecidas, com esta nova máquina, há a instauração de sobrecodificações. Os códigos

²⁹ Deleuze; Guattari, *O anti-Édipo*, p. 78.

³⁰ Rocha, *Identidade e diferença em movimento*.

³¹ Deleuze; Guattari, *O anti-Édipo*, p. 62.

³² Em *Mil Platôs* são desenvolvidos outros três modos de máquinas sociais, a saber: sociedades urbanas, sociedades nômades e, organizações internacionais ou ecumênicas.

³³ Palavras da língua *patuá* que denotam o ser feminino. Se referem a figuras do gênero feminino, sendo menina e moça solteira respectivamente. Optei por utilizar a língua original por não terem uma tradução que não expressam a realidade ontológica de tal povo, conforme citado e utilizado pela autora.

³⁴ Primo Dos Santos Soares, *Sangue menstrual na sociedade Karipuna do Amapá, Brasil*, p. 420.

³⁵ Seres encantados, pessoas do Outro Mundo, mas aparecem como bichos neste mundo.

³⁶ Primo Dos Santos Soares, *Sangue menstrual na sociedade Karipuna do Amapá, Brasil*.

anteriores são colocados em relação com o próprio Estado e seus significantes, como juízes e funcionários públicos. Esta produção maquínica passa a ser atribuída ao déspota e, portanto, surge também uma mais-valia de código.³⁷ Podemos ver a maquinação déspota quando direcionamos o olhar para o povo Kaingang, na região sul e sudeste do país, os quais, apesar de atacarem os invasores bandeirantes e fazendeiros que adentravam seus territórios, eram vistos como súditos de Portugal, como um povo que, mesmo sem relação com o Estado português, iria contribuir com o Estado, que já tinha previamente designado uso para as terras indígenas.³⁸

Buchanam coloca que esta história apresentada das máquinas sociais tem um propósito duplo,³⁹ visto que, além de expor como se ocorre o surgimento do capitalismo, ela também apresenta uma espécie de genealogia do atual modo de funcionamento da produção contemporânea do desejo, que está presa na tríade mãe-pai-eu. O que está no cerne das produções de máquinas sociais é a própria produção desejante, contudo, cada uma delas se relaciona com esta produção de um modo. Isto diz respeito a como tais investimentos libidinais se relacionam com a esfera política.⁴⁰

Na mudança de uma máquina despótica para a máquina capitalista civilizada, é importante concebê-la também sob um aspecto maquínico, de modo que seu surgimento não se dá por uma espécie de evolução linear das outras máquinas sociais, mas sim, por arranjos que se deram por agenciamentos.

Esta máquina capitalista apresentada no AE tem o seu início a partir de um movimento dentro do então Estado despótico. Em outras palavras, o seu despontar ocorre quando os modos de funcionamento das organizações sociais e de Estados iam se modificando, sejam elas referidas às relações sociais, econômicas ou tecnológicas, outros modos de organização iam se dando em direção àquilo que viria a se tornar a máquina capitalista. Esta junção entre trabalhadores que irão vender sua força de trabalho e a compra e extração de mais-valia por detentores de meios de produção irá produzir um Estado que abandona a rigidez despótica e assume uma maleabilidade de códigos quanto àquilo que acontece dentro de sua máquina.⁴¹

Em vez de buscar rigidez em códigos ou sobrecódigos, a máquina capitalista cria axiomas.⁴² A axiomática capitalista aceita os fluxos de código na medida que consegue operá-los em função do capital. Se a moeda é abstrata, é o axioma que irá enunciar coletivamente como ele deve ser quantificado. Como colocado, estes axiomas não estão fixados, então vão se reorganizando conforme fluxos descodificados surgem. Essa sua manutenção também flerta com a ameaça a seu fim, já que a liberação dos fluxos de desejo, esquizofrenia, seria seu limite exterior.⁴³

Os axiomas na máquina capitalista são enunciados que são transmitidos a todo o momento visando operar um pertencimento, ao mesmo tempo que segue na cooptação de todos os fluxos derivados de produções maquínicas que sejam estranhos ao capital. Um exemplo disto está nas calças jeans, visto que, apesar de seu surgimento e patente

³⁷ Guéron, *Capitalismo, desejo e política*.

³⁸ Veiga, *Cosmologia e práticas rituais Kaingang*.

³⁹ Buchanan, *Deleuze and Guattari's Anti-Oedipus*.

⁴⁰ Deleuze; Guattari, *O anti-Édipo*.

⁴¹ Deleuze; Guattari, *O anti-Édipo*.

⁴² Um axioma é um enunciado primeiro: um enunciado que não deriva de nenhum outro e nem depende de nenhum outro. Guéron

⁴³ Guéron, *Capitalismo, desejo e política*.

remeterem ao século XIX nos Estados Unidos, voltada para trabalhadores de minas e *cowboys*, contudo, entra no século XX também sendo por jovens, especialmente na Europa, como um vestuário de contestação e rebeldia. É a partir dos anos 1950 que elas começam aparecer no vestuário de artistas do *Rock'n'Roll* da época, principalmente em Elvis Presley, mas também em filmes que mostravam jovens o vestindo. Nesta disseminação que corria produções de calças e vendas destinadas à jovens, ele vai sendo popularizado, com suas costuras e caimentos modificados, a ponto de ser considerado uma vestimenta universal a partir dos anos 1980, podendo ser vestido por qualquer pessoa, nas mais variadas idades.⁴⁴

Este axioma, que aparece na semiótica da calça jeans e sua modificação de uso ao longo do século XX, é um exemplo da operação de pertencimento e cooptação operada pela máquina capitalista. Se o jeans surge como uma vestimenta própria do proletário, é na medida que ele vai se tornando uma vestimenta de contestação e rebeldia que ele também vai sendo cooptado e utilizado no próprio capitalismo como um item de moda, onde a própria rebeldia se torna um *commoditie* para extração de lucro. O Estado, portanto, segue operando estes fluxos, promovendo um adiamento da própria morte do sistema, não deixando que nada escape a máquina capitalista.⁴⁵

O inconsciente maquínico segue produzindo e o *socius* capitalista segue na tentativa de contenção de possíveis fluxos descodificados. Portanto, temos um inconsciente maquínico que funciona ausente de resposta a um Uno transcendente ou uma unidade representativa da realidade, e temos máquinas sociais que produzem um *socius*, que estamos inseridos, e se relacionam diretamente com a produção pré-consciente.

Nesta situação, a família se torna uma máquina necessária para a própria operação dos axiomas e integração do sujeito ao sistema, de modo que a relação com o Édipo surge aí. É necessário que haja a edipianização do sujeito e sua neurotização para que ele invista no próprio campo social, de modo neurotizado, como se fosse sua família. O capital ganha um investimento de pertencimento onde a pessoa procura a falta do Uno em enunciados operatórios que remetem a “falta” de um pai, mãe, etc., naquilo que funciona para a própria reprodução do capital.

A família se torna um operador necessário, mas não único, há também instituições como escolas, igrejas, exército, empresas, que irão manter os enunciados operando. É neste ambiente que a pessoa passa a investir de uma maneira neurotizada junto à máquina, para que se insira e pertença a ela, e quando ela precisa pertencer a esta máquina para ter um ganho libidinal, ela se sujeita a autoridade e repressão, e não apenas isto, ela passa a desejar a sua própria repressão. Em síntese, máquina desejante, que em si não tem forma, figuras ou representações, é interpretada e operada para passar a compreender uma falta, que desemboca na necessidade de que somente se reprimindo é que o sujeito poderá ter algum ganho libidinal mínimo.

Deste breve apontamento sobre o funcionamento das máquinas como conceito na obra de DeG, é perceptível que ele não apenas permite uma crítica a psicanálise freudiana, mas também opera uma profunda crítica ao capitalismo, mas que não coloca tal ponto na ordem do raciocínio crítico-reflexivo dos humanos para investir ou não em determinado sistema. Esta concepção de máquina pode nos levar a pensar que há certas estruturas,

⁴⁴ Almeida; Emídio, *A evolução da calça jeans e do comportamento do consumidor*.

⁴⁵ Guéron, *A axiomática capitalista segundo Deleuze e Guattari*.

numa conversa com o próprio estruturalismo, que também estava em discussão na época. Para elucidar e aprofundar no distanciamento e crítica ao estruturalismo para o desenvolvimento do conceito, trazemos no próximo tópico uma abordagem mais direcionada a sobre a máquina e a estrutura.

4. Os Cortes das Máquinas na Estrutura

Ao compreendermos a noção de máquina, pode-se remeter a que esta funcione como uma estrutura, que seja uma base para o inconsciente e mesmo a sociedade. Contudo, como já trazido supracitado, DeG se afastam deste conceito e, para compreender melhor este afastamento e o porquê de tais maquinações não configurarem uma estrutura, consideramos importante trazer como os estruturalismos funcionaram até aquele momento de publicação do AE.

O que seria um movimento estruturalista está situado numa discussão que percorre o início do século XX. Por ter vários expoentes teóricos, vamos expor pontos que consideramos importantes para localizar o debate. Partindo da linguística, especialmente com Ferdinand de Saussure e por Roman Jakobson, o qual cunhou o termo estruturalismo em 1929. Saussure que estipula o sistema linguístico que tem em sua constituição níveis de estruturas. Tais elementos internos se combinam formando um sistema de signos. Jakobson trazia que neste modo de analisar estruturas se daria num estudo para reconhecer as leis internas ao sistema, sejam elas estáticas ou dinâmicas.⁴⁶

Estudiosos como Lévi-Strauss, Jean Piaget e Michel Foucault vão ter publicações e propostas teóricas que discutem com o estruturalismo. Lévi-Strauss é quem vai inserir os estudos da linguística estruturalista para a antropologia, quando propõe interpretações de instituições e costumes a partir da consideração de uma estrutura inconsciente que impõe formas a um determinado conteúdo. Deste modo, a análise poderia percorrer todos os grupos e comunidades humanas. Piaget traz como um sistema de transformações, que possuem leis que preservam ou enriquecem a estrutura, mas sem levar a um resultado externo ao sistema, sendo total e autorregulado. Foucault tem em suas primeiras publicações uma análise que parte do estruturalismo, especialmente em *As palavras e as coisas* (1966).⁴⁷

Jacques Lacan, psicanalista, que irá inserir o estruturalismo no pensamento da psicanálise, criando um aporte teórico que considera o inconsciente estruturado como uma linguagem. Deste modo, o sujeito, os processos e signos passam a ter este mote naqueles que conjugavam com o modo lacaniano de pensar e realizar a análise.

Deleuze, em uma exposição sobre os estruturalismos, intitulada *Em que se pode reconhecer o estruturalismo?* (1971), coloca como tais modos teóricos se estendem por vários campos, pois

[...] só há estrutura daquilo que é linguagem, nem que seja uma linguagem esotérica ou mesmo não-verbal. Só há estrutura do inconsciente na medida em que o inconsciente fala e é linguagem. Só há estrutura dos corpos à medida que se julga que os corpos falam com uma linguagem que é a dos sintomas.⁴⁸

⁴⁶ Peters, *Pós-estruturalismo e filosofia da diferença*.

⁴⁷ Peters, *Pós-estruturalismo e filosofia da diferença*.

⁴⁸ Deleuze, *A ilha deserta e outros textos e entrevistas* (1953-1974), pp. 221-222.

Neste texto, Deleuze coloca como o método estruturalista é caracterizado pelo funcionamento e composição da estrutura. Estes estruturalismos são possíveis pelo estabelecimento de uma tríade da estrutura, que desloca a posição entre consciência e objeto, inserindo o simbólico, que se dá num espaço ordenado por posições linguísticas.⁴⁹

Ao ter a proposta da estrutura, há a inserção de uma complexidade no pensamento sobre os variados domínios de estudo, pois ela independe da imaginação ou da própria coisa objetiva, para funcionar. O simbólico, a terceira ordem, mais profundo que real e o imaginário, é uma posição que costura tais elementos.

Um dos alunos, e analisandos, de Lacan foi Guattari. Foi com ele que recebeu o treinamento formal da psicanálise. Também foi a partir de seus estudos na psicanálise que produziu uma crítica a pontos do estruturalismo, que inclusive irão aproximá-lo de Deleuze para a construção do AE.

Disto, é importante frisar que as críticas que surgem de Deleuze e Guattari no AE, apesar de em um primeiro momento serem vistas como um bombardeamento no movimento intelectual francês da época,⁵⁰ em um segundo olhar o livro funciona mais como um abalo sísmico do que uma explosão, isto pois, os abalos e rupturas que causam não deixam de manter certas interpretações, propostas e conceitos, de modo que funcionam como uma diferenciação daqueles movimentos teóricos que ocorriam ali.

Em entrevista a Catherine Backès-Clément, em 1972, DeG trazem como o encontro entre os dois deu potencial para a produção da crítica ao estruturalismo e proposição de novos conceitos. Deleuze traz:

[...] eu trabalhava unicamente no plano dos conceitos, e ainda de maneira tímida. Félix me falou do que já na época ele chamava de máquinas desejantes: toda uma concepção teórica e prática do inconsciente-máquina, do inconsciente esquizofrênico. [...] Mas com seu inconsciente-máquina ele todavia falava em termos de estrutura, de significante, de falo... etc. [...] Entretanto, eu me dizia que a coisa andaria ainda melhor se achássemos os conceitos adequados [...].⁵¹

Em um texto de Félix Guattari, originalmente utilizado em uma exposição sua na escola *Freudians* de Paris em 1969, que foi publicada posteriormente na revista *Change*, n. 12, Seuil. Neste texto, que possui o título de *Máquina e estrutura*,⁵² Guattari coloca seus pensamentos a respeito do que seriam estas maquinações e como elas não seriam sinônimas de uma estrutura, de tal modo que elas funcionam como uma própria coisa nesta. A exposição, ao ser realizada numa escola psicanalítica, de certo modo dá o tom daquilo que seria o conceito em AE.

Este texto de Guattari é importante não só para a compreensão que Guattari estava construindo sobre máquinas, mas também para o encontro entre ele e Deleuze. Kokubun e Nishina trazem que este não é apenas um nó teórico para Guattari na busca da superação do estruturalismo,⁵³ mas também como Guattari intuiu no trabalho de Deleuze a busca desta superação.

⁴⁹ Ragusa, *O estruturalismo em Deleuze*.

⁵⁰ Caldwell, *Schizophrenizing Lacan*.

⁵¹ Deleuze, *Conversações*, p. 23

⁵² Guattari, *Máquina e estrutura*.

⁵³ Kokubun; Nishina, *The principles of Deleuzian philosophy*.

Esta exposição de Guattari é fortemente influenciada pelo trabalho de Deleuze até então. Mas como Thornton cita,⁵⁴ é pelo encontro de Guattari e Deleuze, que há um giro de como Deleuze irá tratar o estruturalismo, e o próprio conceito de estrutura no anti-Édipo. Isto, pois, segundo o autor, a obra de Deleuze até 1969 pode ser entendida como uma tentativa de lidar com a questão do estruturalismo, já que este era popular na época por autores como Saussure, Althusser e Lacan.

Neste momento, Deleuze buscava encarar as relações estruturais de duas maneiras, as pré-individuais (virtuais) e as individuais (atuais), ou seja, aquelas que possuem elementos que não remetem a um sujeito ou identidade, e aquelas que são atualizadas e se tornam identidades ou sujeitos, considerando que ambas possuem realidade. Propostas já são feitas neste momento, explicando como estes elementos se diferenciam, não havendo apenas uma relação fixa entre os elementos, mas que haveria a possibilidade de certos "eventos" serem introduzidos em tais padrões, em outras palavras, contingência. O que não era esperado em teorias estruturalistas.

Este pensamento se desenvolve além da publicação de *Diferença e Repetição* (1968), mas também em *Lógica do Sentido* (1969), construindo um arcabouço teórico que iria fazê-lo propor o que seria uma estrutura, e quais seus critérios mínimos. Mas é nele também que Deleuze coloca o conceito de diferenciante, que, segundo Thornton, "busca desenvolver uma forma de estruturalismo que é dinâmico e pode contar com sua própria gênese".⁵⁵

É neste ponto que Deleuze coloca que "A estrutura é verdadeiramente uma máquina de produção de sentido incorporal".⁵⁶ É aí que o texto de Guattari desponta como um operador de junção e produção de algo além da própria teoria de Deleuze até então, é nele que a máquina vai de fato produzir. No texto em questão, Guattari inicia de modo direto, não fazendo uma negação da existência de estruturas, nem provoca o uso de máquina como um contraponto a estas, ele cita:

[...] é deliberadamente que colocamos entre parênteses o fato de, na realidade, uma máquina não ser separável de suas articulações estruturais e, inversamente, toda estrutura contingente ser visitada — e é isso que queremos estabelecer — pelo espectro de um sistema de máquinas, no mínimo por uma máquina lógica.⁵⁷

Tal junção vêm do fato que Guattari, afirma na obra que

[...] a estrutura, no sentido aqui concebido, deveria ser atribuída da generalidade caracterizada por uma posição de troca ou de substituição dos particulares, ao passo que a máquina relevaria da ordem da repetição "como conduta e como ponto de vista referente a uma singularidade imutável, insubstituível" (*Difference et repetition*, PUF, 1969, p. 7). Das três condições mínimas de uma estrutura em geral estabelecidas por Deleuze, conservamos apenas as duas primeiras: 1º "É preciso haver pelo menos duas séries heterogêneas em que uma será determinada como significante e a outra como significado. 2º Cada uma dessas séries é constituída de termos que só existem a partir das relações que mantem uns com os outros. A terceira condição, "as duas séries heterogêneas que convergem para um elemento paradoxal que é como um seu

⁵⁴ Thornton, *The Rise of the Machines*.

⁵⁵ Thornton, *The Rise of the Machines*, p. 9, tradução dos autores.

⁵⁶ Deleuze, *Lógica do sentido*, pp. 74.

⁵⁷ Guattari, *Máquina e estrutura*, p. 309.

‘diferenciante’ deveria, pelo contrário, ser remetida exclusivamente a ordem da máquina (*Logique du sens*, Minuit, 1969, p. 63).⁵⁸

A exposição de Guattari caminha em direção a uma explicação que diz respeito a uma análise estruturalista. Isto, pois, ele traz durante o texto uma construção de relação entre elementos, de modo que estes formam um sistema, se relacionando com outra estrutura, parecendo haver uma determinação recíproca. Como cita, há um “processo estrutural de totalização destotalizada (que) encerra o sujeito, não tolera perdê-lo enquanto tiver condições de recuperá-lo no seio de outra determinação estrutural”.⁵⁹ Com isto, ele coloca que o pensamento por estruturas não admite fugas, a estrutura sempre está capturando, de certa forma produzindo, o sujeito.

A máquina é o que entra para operar uma ruptura nesta estrutura, ela sempre está “excêntrica ao fato subjetivo”, isto, pois, nela o sujeito não aparece, o sujeito é uma preocupação da estrutura. Logo, quando a máquina acopla, ela não está interessada se reforça as relações de uma estrutura ou outra, ela literalmente rompe isto e conecta conforme sua conjugação no momento. Com a máquina, o inconsciente pode ser entendido a partir de um elemento não estrutural, não sendo mais necessário tomá-lo como “estruturado como a linguagem”.⁶⁰

Guattari faz sua exposição de como a máquina é inserida no trabalho industrial no capitalismo. Esta máquina apresentada é a própria da indústria, o objeto mecânico destinado à execução de alguma tarefa. Sua inserção é realizada criando uma indiferença no trabalho humano, pois ali a máquina mecânica não tem uma relação necessária com o humano, podendo o trabalhador se alienar a esta. É neste pensamento que aparece a transferência da “máquina para o cerne do desejo”, mas aí, marcado por uma máquina que se estabelece sobre a totalidade imaginária do indivíduo, ou seja, a negação da máquina que assassina algo a incorporar este, mantém uma relação de indiferença ao trabalhador, ao sujeito, e é assim que a máquina também produz no inconsciente.

Quando Guattari traz a máquina nos seus textos, é interessante verificar que Jakobson traz quando afirma quais são as preocupações próprias do estruturalismo:⁶¹ “O que parece ser o foco das preocupações científicas atuais não é mais o estímulo externo, mas as premissas internas do desenvolvimento, agora a *concepção mecânica dos processos* cede à questão de suas funções”.⁶² A própria mecânica dos processos já era negada, colocando em foco as funções. DeG não apenas a retomam, como a fazem se relacionar propriamente com o processo, se tornando, no caso, maquínico.

Se temos uma estrutura que regula e remete as relações de um sistema, seja este social ou sistema pré-consciente, também temos a maquinação, que trabalha alheio a isto, assassinando-o, operando conjugações que não são previstas nas estruturas. Como coloca “A essência da máquina é precisamente a operação de apartar um significante

⁵⁸ Guattari, *Máquina e estrutura*, p. 309.

⁵⁹ Guattari, *Máquina e estrutura*, pp. 309-310.

⁶⁰ Campbell, *Structuralist heroes and points of heresy: recognizing Gilles Deleuze's (anti-)structuralism*, p. 227.

⁶¹ Jakobson, *Selected Writings II: Word and Language*, p. 711. Grifo nosso.

⁶² No original: *What appears to be the focus of scientific preoccupations is no longer the outer stimulus, but the internal premises of the development; now the mechanical conception of processes yields to the question of their functions.*

como representante, como “diferenciante”, como corte causal, heterogêneo à ordem de coisas estruturalmente estabelecidas”.⁶³

Esta tomada de consciência de uma teoria do desejo que considera sistemas maquínicos é trazido por Guattari no seu esforço para distanciar a maquinação das chamadas máquinas técnicas, trazendo para o debate outras máquinas, como cita:

Quando digo “maquínico”, não me refiro a mecânico, nem necessariamente a máquinas técnicas. As máquinas técnicas existem, é claro, mas há também máquinas sociais, máquinas estéticas, máquinas teóricas e assim por diante. Em outras palavras, há máquinas territorializada (em metal, em eletricidade, etc.), assim como há também máquinas desterritorializadas que funcionam num nível de semiotização completamente outro.⁶⁴

Tantas máquinas possíveis, que os próprios autores funcionaram como um conjunto maquínico, no caso, um agenciamento maquínico de corpos. O agenciamento coletivo, a máquina-deleuze-guattari. Destas maquinações, a transitoriedade se faz presente, como Deleuze traz sobre suas experiências de escrita coletiva, elas funcionam como “pontos de subjetivação temporários”.⁶⁵

5. Influência das Máquinas Após *Anti-Édipo*

A máquina-deleuze-guattari, que funcionou para produzir AE, traz consigo não apenas os desafios de concepções e inovações que a própria obra possui, mas também a provocação de reconhecer a sua multiplicidade. Diante das possíveis análises, contribuições, críticas ou interpretações que podem surgir desta maquinação, é necessário identificar que o que há nela é um “híbrido monstruoso” criado das colaborações entre Deleuze e Guattari, visto que aqui, para este texto, consideramos a tentativa de mutilar e fragmentar este agenciamento maquínico para identificar quem escreveu cada parte é infrutífera.⁶⁶

Como Deleuze coloca: “Poderíamos tanto mais saber o que é escrever quanto menos sabíamos o que pertencia a um, ao outro ou ainda a um outro”.⁶⁷ Esta é uma máquina temporária que se monta, forma um corpo com o rosto inseparável, e transitório. Disto, é compreensível que cada publicação que os autores fizeram seguem uma ordem cronológica, contudo, ao entrar em contato com elas, é crucial compreendê-las como máquinas que são.

Após a publicação de AE, DeG mantiveram sua proximidade e publicações conjuntas, onde maquinaram obras como *Kafka: por uma literatura menor* (1975) e *O que é a filosofia?* (1991).⁶⁸ Entre estas obras, há a publicação de *Mil Platôs* (MP), que iria ganhar o subtítulo de *capitalismo e esquizofrenia 2* (1980), funcionando como uma continuação ao AE.

⁶³ Guattari, *Máquina e estrutura*, p. 312.

⁶⁴ Guattari; Rolnik, *Micropolítica*, p. 239.

⁶⁵ Deleuze, *Dois regimes de loucos*, p. 326.

⁶⁶ Kokubun; Nishina, *The principles of Deleuzian philosophy*.

⁶⁷ Deleuze, *Dois regimes de loucos*, p. 326.

⁶⁸ Deleuze; Guattari, *O que é a filosofia?*

Em MP há uma proposição e desenvolvimento de novos conceitos que irão dialogar diretamente com AE. Este diálogo ocorre quando se compreende estas maquinações apresentadas no AE, como uma elaboração de acoplamentos produzidos por máquinas que são desejantes. A máquina é necessária em MP, por exemplo, para compreendermos que tais maquinações irão levar ao conceito de rizoma, onde justamente tais acoplamentos não lineares, sem uma relação central entre elementos que são imanentes, produzem linhas de fuga. Também nas capturas de máquinas, compreendemos como funcionam tais linhas rígidas e territórios que o *socius* produz, acoplando e cortando necessariamente num contínuo processo de produção de subjetividades.⁶⁹

Também irão aparecer novamente as máquinas em si, sendo desenvolvidas e complexificadas. Máquina de guerra é um conceito que exemplifica este desenvolvimento. Trazido em um próprio platô em MP, a guerra aqui não é entendida como o objeto, mas sim como uma insistência, um agenciamento que têm uma exterioridade ao aparelho de Estado. Daí que eles irão associar com um nomadismo e permeada pela inovação e resistência, e por suas próprias características busca ser capturado pelo aparelho de captura do Estado.⁷⁰

Outro conceito que também é relacionado diretamente à máquina é a máquina abstrata, que surge quando discutem sobre Kafka e que persiste em MP. Este conceito vai se relacionar diretamente com a proposta de Foucault sobre diagrama, de onde a máquina abstrata recobre o campo social, sendo diferente das máquinas técnicas. Como trazido por Genosko, Young e Watson:

um conjunto de rupturas, interrupções ou cortes que são efetuados em agenciamentos concretos, mas são eles mesmos indiferentes e independentes desses agenciamentos, porque não têm uma função predeterminada nem lidam com substâncias formadas, mas estabelecem devires e produzem intensidades (que são singulares).⁷¹

O sentido de tais máquinas, como cita Santos,⁷² é que estas estão atuando nos extratos, operando uma extração, em uma montagem, relacionam entre todos os elementos heterogêneos que estão ali nesta dinâmica entre máquinas desejantes e os agenciamentos maquínicos (máquinas sociais). Ela é transversal, pois o seu devir acontece ali *entre*. É o que provoca uma afirmação nestes processos para que de certa forma se atualizem no real, pela descodificação e desterritorialização.

Em MP o conceito de máquina acaba, por sua característica relacional de produção incessante, levando a criação do conceito de agenciamento, onde na própria relação há a ação de produzir.⁷³ Em *Notas descartáveis sobre alguns conceitos*, em tradução do glossário da edição inglesa de *Revolução Molecular*, de 1984, é trazido no apêndice do livro *Micropolítica: cartografias do desejo*:

Agenciamento: noção mais ampla do que as de estrutura, sistema, forma, etc. Um agenciamento comporta componentes heterogêneos, tanto de ordem biológica,

⁶⁹ Deleuze; Guattari, *Mil platôs*, vol. 1.

⁷⁰ Zourabichvili, *O vocabulário de Deleuze*.

⁷¹ Genosko; Young; Watson, *The Deleuze and Guattari Dictionary*, p. 18.

⁷² Santos, *Entre máquinas*.

⁷³ Guéron, *Capitalismo, desejo e política*.

quanto social, máquina, gnosiológica, imaginária. Na teoria esquizoanalítica do inconsciente, o agenciamento é concebido para substituir o "complexo" freudiano.⁷⁴

Nesta ampliação, pode-se compreender que tal maquinação foi propriamente feita tanto por Deleuze, quanto por Guattari, nas suas elaborações que seguiram ao longo de suas vidas, nas quais a máquina e suas conexões apareciam para explicar, determinar ou dar compreensão a novos conceitos.

Além destes conceitos, que conversam diretamente com as obras escritas por DeG, também há outros que foram sendo produzidos por Guattari. É possível encontrar a máquina em sua consideração sobre a ecologia ambiental, que requalificaria como *ecologia maquinaica*, visto que, como coloca, "tanto do lado do cosmos quanto das práxis humanas, a questão é sempre a de máquinas — eu ousaria até dizer de máquinas de guerra".⁷⁵

Somando-se a tais concepções da produção social e de vida, Guattari ressignifica o conceito de Megamáquina trazido por Lewis Mumford. Esta concepção já pode ser vista nas correspondências de Guattari para Deleuze durante a escritura do AE, mas apenas como uma breve citação.⁷⁶

Para Mumford, a megamáquina, era uma combinação humana, hierarquizada, sendo um empreendimento de massas e burocrático, tendo como exemplo a produzida pelas pessoas no Egito antigo para construção das pirâmides.⁷⁷ Já Guattari, considerando em seu uso do conceito, não as considera como tirânicas, mas sim, como um empreendimento em larga escala de uma escravidão maquinaica, trazendo para o debate a consideração das relações moleculares e relações cibernéticas nestas produções.⁷⁸

Tais questões sobre megamáquina, põe o pensamento de Guattari a se relacionar com a questão do urbanismo, onde no texto *Restauração da Cidade Subjetiva*,⁷⁹ escrito para uma participação em um colóquio organizado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), no Rio de Janeiro, em 1992, mantém a necessidade compreensão da inseparabilidade do processo de subjetivação e as máquinas.

Este retorno, contínua atualização e torções possíveis que o conceito de máquina foi ganhando ao longo da vida de DeG, pode ser compreendido como os próprios pensadores propõem que seja o exercício da filosofia, ou seja, a arte de formar, de inventar, de fabricar conceitos. É necessário que conceitos se renovem, tenham mutação, e que, apesar de incorporal, ele se efetua nos corpos.⁸⁰

Assim, a máquina que DeG buscaram elaborar conceitualmente, aparece numa busca as poucas respostas que, para os autores, as teorias da época estavam dando para os problemas que surgiram até então, seja o estruturalismo, semiótica, psicanálise ou mesmo a filosofia. Tal conceito em especial surge num corte ao estruturalismo ao mesmo tempo que permite tirar do inconsciente a necessidade de interpretadores, especialmente pelos psicanalistas da época. A produção é inserida como uma relação imanente ao próprio sujeito, e por tais conceituações, todo um leque de possibilidades de uso para uma

⁷⁴ Guattari; Rolnik, *Micropolítica*, p. 317.

⁷⁵ Guattari, *As três ecologias*, p. 52.

⁷⁶ Guattari, *The Anti-Œdipus papers*.

⁷⁷ Mumford, *A primeira megamáquina*.

⁷⁸ Genosko, *Megamachines*.

⁷⁹ Guattari, *Caosmose*.

⁸⁰ Deleuze; Guattari, *O que é a filosofia?*

mais aprofundada elaboração poderiam ser feitas, as quais foram realizadas pelo próprio Guattari em suas experiências de esquizoanálise, ou por pesquisadores e estudiosos que partiram das maquinações para compreender processos outros que até então eram vistos como transcendentais, universais ou reduzidos a problemas edipianos.

A proposta maquínica de DeG operou uma fuga no próprio modo de pensar da época. Como em sua teoria, eles buscaram cortar e inserir elementos que eram muitas vezes antes colocados de lado para fazer tais achados e se incorporarem a uma estrutura, por exemplo. A obra original que elabora e introduz o conceito ainda hoje é peça para debate e aprofundamento de estudiosos de inúmeras áreas, o que pode demonstrar a potência que as maquinações de DeG operaram em abrir um campo de novas perguntas sobre aspectos que antes estariam relegados às análises totalizando e universalistas.

6. Apontamentos Finais

O conceito de máquina, trazido por DeG em *O anti-Édipo*, aparece trazendo aquilo que seria o mote de trabalho com os conceitos ao longo de suas vidas. Ele é criado para ser usado, reproduzido, modificado, conectado, enabado, e ter filhos e derivações para criar possíveis novos modos de fugir a linearidade e arborescência de um pensamento enrijecido e estático fixado a idealismos universalizantes e moralidades que constroem corpos.

Quando a máquina é apresentada, ela também carrega consigo todas as possibilidades de bifurcações, fugas, contestações, análises ou quaisquer outros modos de acoplamentos possíveis que surjam daí. Isto pois, a multiplicidade que está nestas máquina-deleuze-guattarianas funcionam como pontos que permitem conexões que já foram feitas, que estão porvir e mesmo aquelas que nunca se efetivarão.

Ao longo do século XX o conceito passou por modificações e adições pelos autores. Houve a elaboração do conceito de agenciamento, máquina de guerra, máquina abstrata, megamáquinas, entre outros. Apesar de inúmeros usos, o seu aparecimento n’*O anti-Édipo* cumpre o seu papel ali. O próprio conceito de máquina atua produzindo uma maquinação. Torna o livro algo que pretende se conectar com heterogeneidades e liberar fluxos de desejo.

Como tal conceito, por sua própria abrangência e potência, pode ser utilizado de inúmeros propósitos e formas, faz-se necessário afirmá-los de um modo não banal e acrítico. Se há uma excessiva contemporaneidade em Deleuze e Guattari, é importante lembrar que tais conceitos maquinados não servem se utilizados de modo verborrágico, como mantras, mas sim, numa afirmação canibal da própria contemporaneidade destes. É um exercício das potencialidades daquilo as maquinações podem produzir. A necessidade está em reinventá-las, mas também destruí-las.⁸¹

Portanto, o estudo e aprofundamento, tanto do conceito, quanto da obra de DeG em si, podem contribuir para uma busca de rediscussões e novas discussões sobre campos ainda pouco abordados, tanto na filosofia quanto em outros campos do conhecimento, e, além disto, manter a relação com a prática, que foi inerente ao devir inerente ao próprio conceito.

⁸¹ Culp, *Dark Deleuze*.

Referências

- ALMEIDA, Arianne de Camargo Villela Rocha; EMÍDIO, Lucimar Bilmaia. A Evolução da Calça Jeans e do Comportamento do Consumidor: uma reflexão como parâmetro para a concepção do produto. *Projetica*, [S. l.], v. 3, n. 2, pp. 77–87, 2012. DOI: 10.5433/2236-2207.2012v3n2p77.
- BUCHANAN, Ian. *Deleuze and Guattari's Anti-Oedipus: a reader's guide*. London: Continuum, 2008.
- CALDWELL, Luke. Schizophrenizing Lacan: Deleuze, [Guattari], and Anti-Oedipus. *intersections*, [S. l.], v. 10, n. 3, pp. 18–27, 2009.
- COLEBROOK, Claire. *Understanding Deleuze*. Crows Nest, N.S.W: Allen & Unwin, 2002.
- CULP, Andrew. *Dark Deleuze: pela morte desse mundo*. São Paulo: GLAC Edições, 2020.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka: por uma literatura menor*. 1. ed.; 3. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. (Filô/Margens)
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia: volume 2*. 2. ed. São Paulo: Ed. 34, 2011.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. 1. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?*. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: Editora 34, 2007.
- DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. São Paulo: Escuta, 1998.
- DELEUZE, Gilles. *A ilha deserta e outros textos: textos e entrevistas (1953–1974)*. 2. ed. São Paulo: Iluminuras, 2008.
- DELEUZE, Gilles. *Conversações*. São Paulo: Editora 34, 2013.
- DELEUZE, Gilles. *Dois regimes de loucos: textos e entrevistas (1975–1995)*. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2016.
- DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido*. Trad. Luiz Roberto Salinas Fortes. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- FOUCAULT, Michel. PREFACE. In: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix (ed.). *Anti-Oedipus: capitalism and schizophrenia*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1983. pp. 11–14.
- GENOSKO, Gary. Megamachines: From Mumford to Guattari. *Explorations in Media Ecology*, [S. l.], v. 14, n. 1, pp. 7–20, 2015. DOI: 10.1386/eme.14.1-2.7_1.
- GILLES, Deleuze. *Diferença e repetição*. Trad. revista Luiz Orlandi e Roberto Machado. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2021.
- GUATTARI, Felix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. 12. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- GUATTARI, Felix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2012.

- GUATTARI, Félix. *Chaosology: texts and interviews 1972–1977*. Los Angeles, Calif: Semiotext(e), 2009.
- GUATTARI, Félix. Máquina e estrutura (1969). In: GUATTARI, Félix. *Psicanálise e Transversalidade: Ensaios de Análise Institucional*. 1. ed. Aparecida: Ideias e Letras, 2004. pp. 309–319.
- GUATTARI, Félix. *The Anti-Œdipus papers*. New York: Cambridge; Mass: Semiotext(e), 2006. Distributed by MIT Press.
- GUÉRON, Rodrigo. A axiomática capitalista segundo Deleuze e Guattari. de Marx a Nietzsche, de Nietzsche a Marx. *Revista de Filosofia Aurora*, [S. l.], v. 29, n. 46, p. 257, 2017. DOI: 10.7213/1980-5934.29.046.DS14.
- GUÉRON, Rodrigo. *Capitalismo, desejo e política: Deleuze e Guattari leem Marx*. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2020.
- JAKOBSON, Roman. *Selected Writings II: Word and Language*. The Hague, Paris: Mouton, 1971.
- KOKUBUN, Koichiro; NISHINA, Wren. *The principles of Deleuzian philosophy*. Edinburgh: Edinburgh university press, 2020.
- LEOPOLDO, Rafael. Análise d'O anti-Édipo: críticas de Deleuze e Guattari a Sigmund Freud. *Revista Psicologia Política*, [S. l.], v. 17, n. 39, pp. 293–303, 2017.
- MUMFORD, Lewis. A primeira megamáquina. *Diógenes*, [S. l.], n. 6, pp. 5–18, 1984.
- PETERS, Michael. *Pós-estruturalismo e filosofia da diferença*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2000.
- PRIMO DOS SANTOS SOARES, Ana Manoela. Sangue menstrual na sociedade Karipuna do Amapá, Brasil. *Amazonica – Revista de Antropologia*, [S. l.], v. 11, n. 2, pp. 413–433, 2019. DOI: 10.18542/amazonica.v11i2.7548. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/amazonica/article/view/7548>. Acesso em: 9 maio 2024.
- RAGUSA. O estruturalismo em Deleuze: a estrutura simbólica. *Revista de Teoria da História*, [S. l.], v. 22, n. 2, pp. 242–263, 2019.
- ROCHA, Marisa Lopes Da. Identidade e diferença em movimento: ressonâncias da obra de Deleuze. *Revista do Departamento de Psicologia. UFF*, v. 18, n. 2, pp. 57–68, 2006. DOI: 10.1590/S0104-80232006000200005.
- SANCHES, Aline. Pulsão de morte, entre a repetição e a criação. *Natureza humana*, [S. l.], v. 22, n. 2, pp. 62–72, 2020.
- SANTOS, Zamara Araujo Dos. Entre máquinas: a produção maquínica de Deleuze e Guattari. *Revista Trágica: estudos de filosofia da imanência*, [S. l.], v. 14, n. 2, pp. 55–73, 2021.
- THORNTON, Edward. The Rise of the Machines: Deleuze's Flight from Structuralism. *The Southern Journal of Philosophy*, [S. l.], v. 55, n. 4, pp. 454–474, 2017. DOI: 10.1111/sjp.12261.
- ZOURABICHVILI, François. *O Vocabulário De Deleuze*. [S. l.]: Relume-Dumará, 2005.

SOBRE AS AUTORAS

Luiz Gustavo Duarte

Doutor em Saúde Coletiva pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Professor efetivo EBTT no Instituto Federal do Paraná, campus Palmas. Membro do Observatório microvetorial de políticas públicas e educação em saúde UEL/Londrina. E-mail: lgduarte@proton.me.

Maira Sayuri Sakay Bortoletto

Docente adjunto do Departamento de Saúde Coletiva da Universidade Estadual de Londrina. Pós-doutorado, doutorado e mestrado como bolsista da CAPES, na área de Saúde Coletiva-UEL. Membro do Observatório microvetorial de políticas públicas e educação em saúde UEL/Londrina. E-mail: mairuska@gmail.com.